



1939 Grupo de Escuteiros Marítimos N.º 2

Escutismo Marítimo no CNE

Resenha do Escutismo Marítimo no CNE: de pequenas brigadas de Lobos do Mar aos agrupamentos numerosos de Lobitos, Moços, Marinheiros e Companheiros

Bruno Cristóvão
bcristovao@hotmail.com
Foto: Arquivo CNE



O Escutismo Marítimo, tão antigo quanto o próprio CNE, teve as suas origens em 1926 na Póvoa de Varzim. Atualmente, a nossa associação conta com vários agrupamentos marítimos um pouco por todo o país, porém nem sempre foi assim. Durante algumas décadas, o Escutismo Marítimo esteve reduzido a quase nenhum efetivo, e inclusivamente há períodos sem grupos marítimos ativos, apesar da nossa costa privilegiada e da profunda tradição náutica portuguesa.

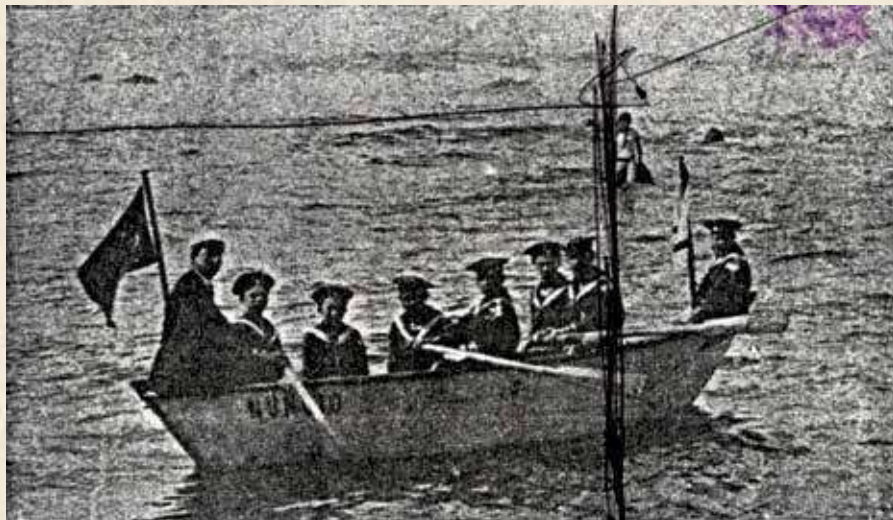
É difícil (com precisão e rigor historiográfico) definir quando surgem os *sea scouts*, todavia recorre-se, por conveniência, e com alguma evidência, ao ano de 1909 como o início desta vertente escutista. Um ano antes, em 1908, surgira a primeira insígnia de especialidade de marinheiro, que terá suscitado o interesse de escuteiros de toda a Grã-Bretanha. O entusiasmo dos jovens em alcançarem o distintivo de marinheiro levará à organização de acampamentos focados em atividades náuticas. O impacto e a adesão dos jovens nas atividades marítimas levarão à criação de outros emblemas ligados à marinharia e em 1911 Baden-Powell publica um novo fascículo do *Escutismo para Rapazes*,

o «*Sea Scouting for Boys*». Porém, B-P não ficou satisfeito com o resultado final e convidou o seu irmão mais velho, Henry Warrington Baden-Powell, para compor um novo manual de Escutismo Marítimo. Efetivamente, o *Sea Scouting and Seamanship for Boys* é publicado em 1912, conciliando técnicas, atividades náuticas e o método escutista.

Em Portugal é possível rastrear evidências de *scouts* marítimos desde 1916, em associações escutistas menores e entretanto extintas, e mais tarde na União dos Adueros e na Associação dos Escoteiros de Portugal. Muito pouco se sabe para além destes vagos indícios de existência de Escutismo Marítimo. A efemeridade destes grupos deveu-se a várias razões: falta de recursos, incapacidade de manutenção de embarcações, carência de Dirigentes especializados e conhecedores tanto do Escutismo como das fainas da marinharia; outro fator tende ainda por indiciar uma falta de apoio das entidades ou instituições como clubes navais, capitães de portos ou mesmo um apoio por parte da Marinha.

Quanto ao CNE, o primeiro Regulamento Geral de 1923 já previa a formação de grupos marítimos junto ao mar, ou a rios navegáveis, caso dispusessem de pelo menos uma embarcação. Ori-





ginalmente, os “Lobos do Mar”, como eram chamados, tirando um uniforme diferente e a obrigatoriedade de trabalharem especialidades marítimas, aproximavam-se muito dos escuteiros “terrestres”. A organização destes grupos, todavia, era diferente, por exemplo apenas *scouts* com mais de 12 anos poderiam ser admitidos e, ao invés das tradicionais secções, os marítimos eram divididos em brigadas compostas por duas patrulhas. A fundação do primeiro grupo marítimo do CNE ocorrerá três anos depois, na Póvoa de Varzim, com a presença da Junta Central e das altas individualidades poveiras. Apesar de o Grupo Marítimo do CNS N.º 1 São Pedro, o Pescador não ter sido o primeiro a nível nacional, foi um grupo pioneiro que moldou e influenciou todos os grupos que se seguiram (inclusive o Escutismo Marítimo na AEP).

Ao contrário dos grupos marítimos anteriores, o Grupo N.º 1 São Pedro, o

Pescador¹ procurou enriquecer a modalidade marítima com uma mística própria, recorrendo sincreticamente a conceitos e nomenclaturas escutistas, militares da Marinha e ligados à marinharia, desta forma radicando um imaginário próprio e inédito em Portugal. As duas patrulhas da 1.ª Brigada deste grupo (a Golfinho e a Pelicano) adotaram animais marinhos, que não estavam listados no cânone das patrulhas escolhidas por B-P no *Escutismo para Rapazes*, mas ia ao encontro desta construção de uma mística distinta. Garantir a persistência do Grupo Marítimo do CNS N.º 1 foi uma das preocupações dos seus Dirigentes, e olhando para todas as experiências anteriores em Portugal, houve uma tentativa de estabelecer uma rede de cooperação e auxílio com as elites locais (civis e militares), a fim de garantir uma longevidade nunca antes alcançada por escuteiros marítimos.

Similarmente às tentativas anteriores de criação de grupos marítimos, o Grupo de São Pedro também será efêmero e não resistirá ao teste do tempo, encerrando em menos de três anos. Desconhece-se os motivos que levaram à cessação de atividades e posterior encerramento, embora possa estar relacionada com o falecimento de um Dirigente, desmotivando a dinâmica do grupo. A influência deste Grupo na comunidade escutista portuguesa irá continuar durante as próximas décadas. No mesmo ano de fundação do grupo da Póvoa de Varzim, surgem em Vila do Conde e no Porto outros dois grupos marítimos, bastante influenciados pelo Grupo de São Pedro. Em 1933 é fundado o Grupo Marítimo de Lourenço Marques e em 1936 o Grupo Marítimo do Barreiro – nenhum vingou ou conseguiu garantir a continuidade de atividades náuticas durante muitos anos.



Durante as décadas de 40, 50 e 60 surge no CNE uma forma alternativa de funcionamento de Escutismo Marítimo, com a inclusão das brigadas marítimas em grupos “terrestres”. Assim sendo, dentro do mesmo agrupamento existiram patrulhas inseridas em secções e outras patrulhas inseridas em brigadas. Esta inclusão de brigadas em agrupamentos trouxe estabilidade à vertente marítima nunca alcançada nos grupos completamente marítimos. Apesar de pertencerem ao mesmo agrupamento, os escuteiros marítimos distinguiram-se pelo uso de um uniforme similar ao de um marinheiro e de





um lenço azul debruado a branco (contrariando os lenços dos Exploradores, que eram verdes e brancos, e os vermelhos e brancos dos Caminheiros – de lembrar que não existiam, formalmente, Pioneiros nessa altura). Algumas brigadas viriam mesmo a emancipar-se e a criar agrupamentos unicamente marítimos, como é o caso do Agr. 217 – Sé Funchal, o mais antigo agrupamento marítimo atualmente em atividade continuada.

Apesar da fundação do 217, apenas encontraremos novamente uma onda de vitalidade no Escutismo Marítimo após o 25 de Abril de 1974, quando escutas de brigadas marítimas das ex-colónias regressam a Portugal e integram as brigadas já existentes, ou chegam mesmo a fundar algumas (especialmente na Região de Lisboa). Os números de escuteiros marítimos tornam-se de certa forma significativos e levam o CNE a procurar reformular a mística e a simbologia da vertente marítima, além dos uniformes e nomenclaturas náuticas. No final dos anos 80 é lançado um novo programa, inspirado no Escutismo Marítimo dos Scouts de France, com novos nomes adaptados a cada secção, novas dinâmicas educati-



vas (em especial um progresso diferente dos escuteiros “terrestres”) e uma mística distinta e sintonizada com um imaginário de vertente marítima. Não será exagero considerar que este novo programa foi um grande sucesso, pois na década de 90 surgem mais de dez novos agrupamentos marítimos (muitos dos quais com origem em brigadas de agrupamentos terrestres), mais que duplicando os números da década anterior.

Atualmente, em antevéspera do centenário do CNE, existem sensivelmente duas dezenas de agrupamentos marítimos de norte a sul de Portugal e em ambas as nossas regiões autónomas. Com encontros frequentes, os nossos escuteiros marítimos costumam organizar competições de regatas e de quatro em quatro anos reúnem-se no OCEANOS, a grande atividade marítima nacional.

¹ Em especial os fundadores do agrupamento: o Padre Aurélio Martins de Faria, José Martins de Sá e o Dr. Abílio Garcia de Carvalho. O Padre Aurélio Martins de Faria (1887-1972) foi um dos pioneiros do Escutismo Católico, sendo o 1.º Comissário-Geral dos Lobitos e o chefe da delegação da Póvoa de Varzim ao 1.º Acampamento Nacional de Aljubarrota em 1926.